



A DEFESA NACIONAL

O Brasil e o Atlas Estratégico de 1983¹

Sebastião José Ramos de Castro

O artigo indica como, em 1983, o Atlas Estratégico editado por Gerard Chaliand e Jean-Pierre Rageau analisava a situação da América Latina e do Brasil e busca compará-la com a dos dias atuais.

"A política de um Estado repousa em sua geografia." Napoleão

Gerard Chaliand e Jean-Pierre Rageau editaram, pela primeira vez, em 1983, um Atlas Estratégico que constituiu uma inovação. Não havia, na época, nem em inglês, francês, alemão ou em qualquer outra língua um atlas dessa natureza.

O Atlas Estratégico não é um mapeamento de batalhas passadas ou futuras ou a representação gráfica de forças militares opostas. Estrategicamente, como na política, abrange a guerra, porém é mais que a guerra. O que é apresentado é verdadeiramente uma

geopolítica de relação de forças no mundo contemporâneo.

O Atlas examina também uma dimensão que não é tratada nos trabalhos usuais: — a consciência dos Estados de sua segurança, não somente das potências mundiais (Estados Unidos e União Soviética)² mas, também, daqueles poderes regionais menos conhecidos como Arábia Saudita, Índia, África do Sul, Brasil, Japão e Israel.

Não é nosso objetivo o estudo completo da obra e sim o de indicar como os autores, em 1983, analisavam a situação da Amé-

* General-de-Exército.

1. Selecionado pelo PADECEME.

2. Na época em que foi publicado, 1983, ainda existia a URSS.

rica Latina e do Brasil e buscar uma comparação com a situação nos dias atuais.

Diziam eles: "A América Latina é dominada economicamente pelos Estados Unidos, ao qual é ligada pelo Tratado do Rio (1947), um tratado interamericano de defesa mútua, e pela Organização dos Estados Americanos (1948), da qual Cuba foi excluída, em 1962, por ocasião da crise dos mísseis.

"Historicamente, os Estados Unidos têm defendido sua área estratégica: Guatemala (1954), Baía dos Porcos (1961) e, seguindo-se ao movimento de Cuba para a esquerda, através da Aliança para o Progresso uma combinação de assistência econômica e de treinamento de forças de antiguerilha latino-americanas.³

"Basicamente o mundo da América Latina é mais estável do que parece. Em três décadas somente duas mudanças radicais ocorreram: Cuba (1959) e Nicarágua (1979).⁴

"A atual crise e as guerras na América Central foram percebidas pelos Estados Unidos como um teste de vontade política e parece que tudo será feito para assegurar que a Pax Americana prevaleça ao final.

"Três décadas antes, parecia que a Argentina, dado ao seu nível cultural e ao vigor de sua agricultura e pecuária, estava destinada a tornar-se um poder importante.

Porém, nem em termos de desenvolvimento, população ou instituições alcançou essa promessa. A falha na jogada das Falklands, subestimando a capacidade do governo da Sra Thatcher de responder, acentuou a crise na sociedade argentina."⁵

O Atlas considera como outro poder médio a Venezuela. A seu respeito assim se expressou: "A Venezuela, com uma pequena população, pode reclamar o papel de poder regional médio somente devido ao petróleo. Sua posição estratégica é ligada ao Caribe como um todo e seu interesse é de que ali seja mantida uma estabilidade. O limite das 200 milhas náuticas permitiria à Venezuela exercer direitos sobre uma significativa parte do Caribe. O traçado dos limites da plataforma continental levanta problemas com a Colômbia, sua rival, a qual exporta uma grande parte de sua força de trabalho para a Venezuela".

O terceiro poder médio considerado foi o México, assim analisado: "O México, uma vez considerado poder regional em ascensão, demonstrou sua fragilidade com o colapso de sua moeda, em 1982. Contrariamente ao que tem sido proclamado por várias décadas, o Partido Revolucionário Institucional, que tem estado no poder por meio século, não modernizou as instituições do país. A corrupção, que é uma típica do sistema, aumentou com o problema do petróleo. Hoje, o Mé-

3. A intervenção dos Estados Unidos na América Central tem sido constante, com o objetivo de impedir a expansão das idéias do comunismo e da influência de Cuba. Em 1965 houve a intervenção na República Dominicana e, em 1983, na de Granada. O apoio aos opositores de Daniel Ortega na Nicarágua é outro exemplo.

4. Em fevereiro de 1990, o governo de Daniel Ortega, da Frente Sandinista de Libertação Nacional, estreitamente ligado à Cuba, foi derrotado em eleições reali-

zadas, assumindo o governo Violeta Chamorro.

5. Posteriormente à Guerra das Malvinas, seguiu-se um período de turbulência política. Presentemente, a Argentina vive em relativa paz, com inflação sob controle, moeda estável, embora sejam elevados o custo de vida e as taxas de desemprego. Modificações na Constituição vieram assegurar a reeleição do Presidente Carlos Menen.

o enfrenta uma crise que pode ter sérias conseqüências sociais".⁶

Vejamos, agora, como o Brasil foi analisado pelos autores do Atlas Estratégico. Inicialmente (Ver Mapa 1), cabe salientar que o Brasil foi considerado como "um grande poder regional". Essa afirmação não é surpreendente. No livro *O Mundo Hoje — Anuário Econômico e Geopolítico Mundial*, editado pela BIBLIEX,⁷ os 225 Estados soberanos e territórios não independentes foram reunidos em 37 "conjuntos geopolíticos" com exceção da Rússia, Estados Unidos, China, Brasil e Canadá, considerados muito grandes e que, por si, constituem conjuntos geopolíticos. Dos 225 estados soberanos, 34 mereceram tratamento especial, dentre eles o Brasil. Foram ainda apresentados, nessa obra, cinco artigos de "geopolítica interna", dando conta dos contrastes apresentados pelos maiores Estados: Rússia, Estados Unidos, China, Índia e Brasil:

O desenvolvimento do Brasil depende da conquista e controle do seu próprio território e de sua capacidade de manter um crescimento dinâmico.

de Dakar. É o único Estado de língua portuguesa na América Latina; é, também, o mais populoso e é a única potência regional. Além disso, tem ambições consideráveis, porém a base econômica que permitiria viabilizá-las está ainda faltando.

"O desenvolvimento do Brasil depende da conquista e controle do seu próprio território e de sua capacidade, a qual é presentemente incerta, de manter um crescimento dinâmico.

"Porém, quaisquer que sejam as dificuldades, o Brasil tem a sorte de contar com uma vasta quantidade de recursos inexplorados e está melhor localizado que outros Estados para perseguir uma política de ir para a frente.

"Uma sociedade multiracial baseada na dominação cordial e miscigenação pode, a despeito das aparências, ser o cenário de problemas raciais que também são problemas sociais.

"Uma vez que decidiu basear sua política africana no sul da África, o Brasil reorientou suas relações no sentido dos países de língua portuguesa e Nigéria.

"A criação de uma marinha adequada a essas ambições deve ser uma prioridade" (Ver Mapas 2, 3, 4).

O que chama a atenção é a forma concisi-

as crises surgidas. A grande esperança do México, para gerir os enormes custos sociais da nova política econômica repousa no NAFTA — Mercado Comum Canadá—México—Estados Unidos. O NAFTA constitui-se em um dos três novos pólos de poder econômico, decorrentes da desarticulação da URSS, em 1991, e do fim da bipolaridade que existia com os Estados Unidos.

7. *L'État du Monde* — Éditions La Decouverte / Paris/ 1992.

Evidenciada dessa forma a importância com que é visto o Brasil, vejamos como, em 1983, o Brasil foi analisado pelos autores do Atlas:

"O Brasil, cuja consciência do mundo é orientada no sentido sul-sul, é como um promontório na extremidade oriental do continente sul-americano, a menos de 3.000km

6. Em 1991/92, grandes sucessos foram alcançados no processo mexicano e traduzidos por crescimento econômico, controle da inflação, renegociação da dívida externa, aceleração de um processo de privatização, modernizações constitucionais, financiamento de um amplo Programa Nacional de Solidariedade para investimentos em infra-estrutura e programas sociais. Muito pouco restou para privatizar. Apesar de tudo isso, a economia mexicana é extremamente frágil, em face do excessivo déficit da balança comercial e do grande volume de capitais especulativos, daí

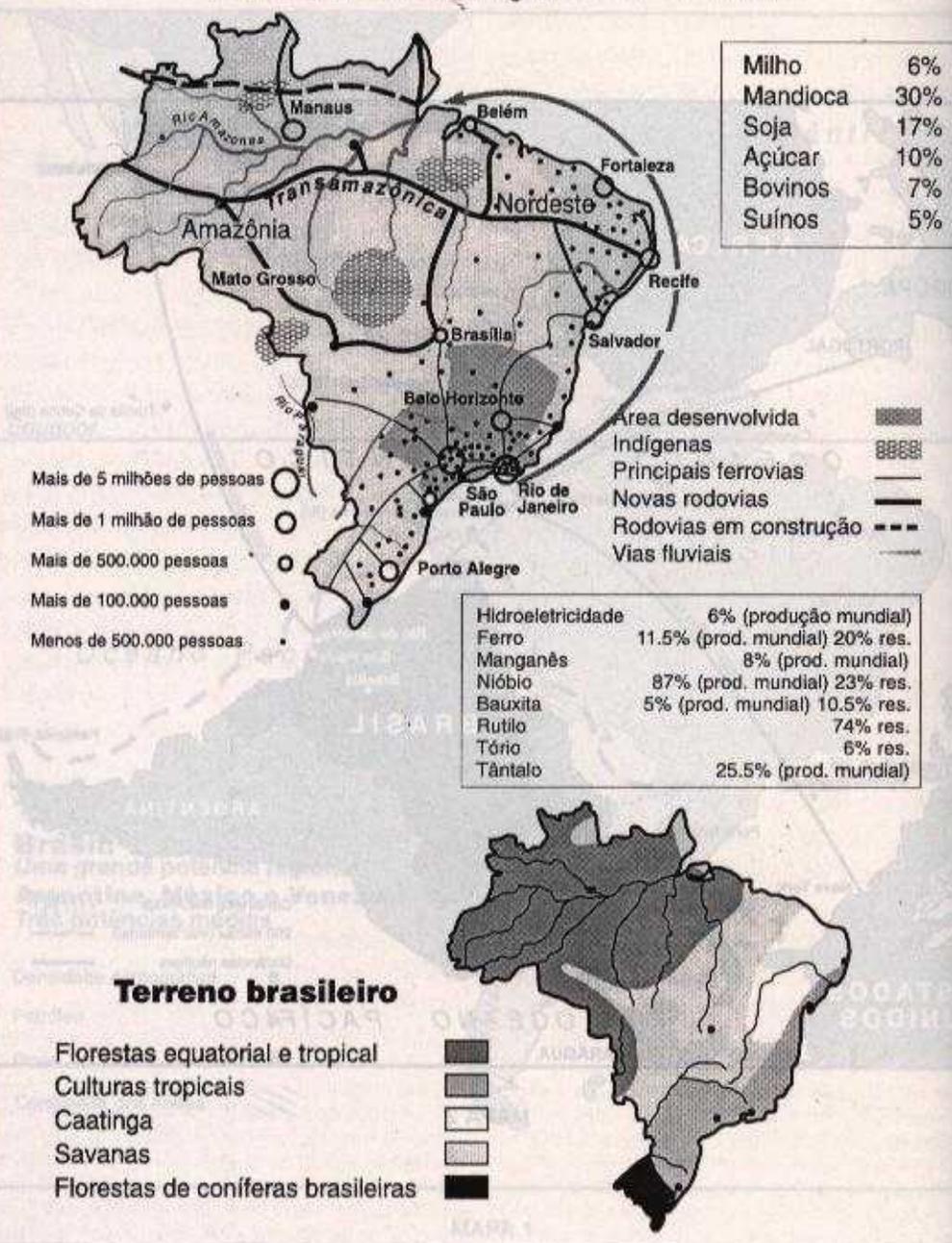


MAPA 1



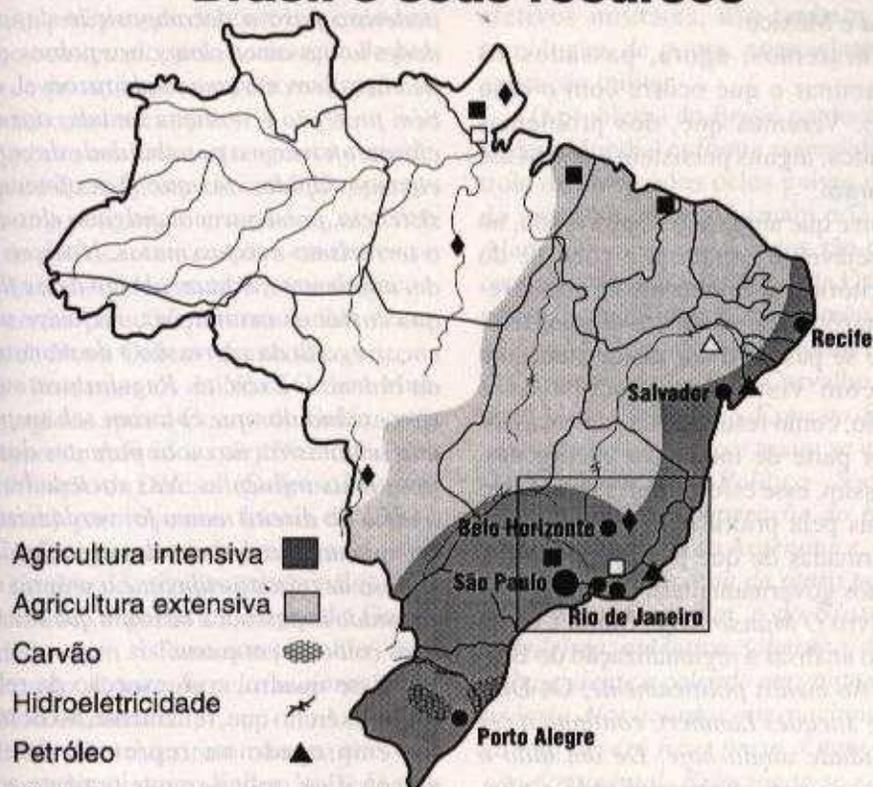
MAPA 2

Brasil: Ocupação da Terra



MAPA 3

Brasil e seus recursos



CENTRO INDUSTRIALIZADO

MAPA 4

sa e objetiva com que, em 1983, foram considerados os casos do Brasil, Argentina, Venezuela e México.

Procuraremos, agora, passados 13 anos, examinar o que ocorre com o caso brasileiro. Veremos que, dos problemas apresentados, alguns persistem e outros até se agravaram.

Assim é que ainda não se processou, no ritmo desejável, a conquista e controle do nosso território, especialmente no que se refere à Amazônia. Somente nos últimos tempos é que se passou a dar maior atenção à região, com vistas à sua ocupação e vivificação, como resultado das ameaças latentes por parte de interesses alienígenas. Mesmo assim, esse esforço tem se traduzido muito mais pela prioridade atribuída pelas Forças Armadas do que por ações dos demais órgãos governamentais.

No livro *O Mundo Hoje*, Maria Cecília França, ao analisar a regionalização do Brasil, diz: "Ao menos politicamente, Os Dois Brasis, de Jacques Lambert, continua a ser uma realidade ainda hoje. De um lado o Brasil progressista, industrializado e altamente urbanizado do centro-sul ou mesmo de um ou outro polo industrial do Nordeste ou da Amazônia; de outro, o Brasil subdesenvolvido, onde graves problemas de infraestrutura urbana e rural, cujas raízes estão no passado, levaram a desequilíbrios econômico-sociais e culturais de difícil solução." E acrescenta: "Nesse quadro de contrastes gritantes do norte para o sul, do leste para o oeste, do campo para a cidade e até na escala de um espaço urbano, a regionalização do território é tarefa complicada, sobretudo porque os pólos de decisão extrapolam frequentemente as fronteiras nacionais".

Os problemas sociais agravaram-se e de muito. Os mais agudos decorrem, como assevera Georges Couffignall, do poder parale-

lo representado pelo narcotráfico. Ressalta que "O dinheiro da droga é um fermento poderoso para a decomposição das sociedades latino-americanas; aos pobres, os traficantes oferecem uma renda razoável, e também proteção e serviços sociais; aos ambiciosos, oferecem a possibilidade de enriquecimento rápido; aos que lhes oferecem resistência, perseguem ou julgam, eles opõem o terrorismo e assassinatos. Nenhum Estado, atualmente, está ao abrigo desse flagelo que corrói as instituições, inclusive aquela encarregada da repressão e da manutenção da ordem: o Exército. Regularmente estouram escândalos que colocam sob suspeita a alta administração ou os parentes dos políticos mais influentes. Nas sociedades onde a idéia do direito nunca foi verdadeiramente implantada, a despeito de uma inflação prodigiosa de textos jurídicos, é a própria noção de estado impessoal e abstrato que essas práticas colocam em causa".

Esse quadro, com exceção da referência ao Exército que, felizmente, no Brasil não foi empregado na repressão direta ao narcotráfico, aplica-se inteiramente ao nosso caso e atinge as forças policiais encarregadas da repressão. Agrava-se, no caso brasileiro, pelo fato de a ação dos traficantes ser mais efetiva e nociva junto às parcelas mais carentes da população, residentes nas favelas. Essa ação é facilitada pelas altas taxas de desemprego, baixos salários, inclusive do pessoal das forças de repressão, e pelos problemas de natureza habitacional, educacional e de saúde.

Outros problemas sociais de vulto ocorrem, tais como os confrontos entre garimpeiros e grupos indígenas, as invasões de terra orientadas por um movimento de natureza política e que tem em vista a modificação do regime político vigente e, até mesmo, os estímulos por parte de certos setores aos confrontos de natureza racial.

Todos esses problemas sociais somente poderão vir a ser solucionados pela retomada de um processo de desenvolvimento econômico continuado, pela aceleração do processo de privatizações e pela realização de reformas constitucionais.

Embora analistas estrangeiros considerem que o Brasil possui as condições para se tornar uma potência intermediária, esse conceito de potência cria reações em certos setores da sociedade e também vai de encontro a certas posições internacionais decorrentes da Nova Ordem Mundial.

Os fundamentos da Nova Ordem Mundial, surgidos após a Guerra do Golfo, estão oficialmente definidos nas "Diretrizes para a Planificação da Defesa" (Defense Planning Guidance) para os anos fiscais de 1994 a 1999. Seu objetivo é o de preservar e estender o sistema de alianças criado pelos Estados Unidos, a partir da Segunda Guerra Mundial — um sistema que permitiu "uma cooperação sustentada pelas maiores potências democráticas".

Essas diretrizes retomaram, mas desta vez em linguagem diplomática. O projeto que, em 1992, provocara um escândalo nas chancelarias ocidentais, pois tratava de impedir "todo rival potencial até mesmo de aspirar a um papel mais importante". Também impedia que fossem citados o Japão, a Alemanha ou a Índia como "países possuidores de uma hegemonia regional potencial".

Dentro das idéias da Nova Ordem Mundial, os Estados Unidos procuram reforçar seu verdadeiro direito de vigilância sobre os mercados de alta tecnologia militar. É do interesse da Nova Ordem Mundial, através das potências dominantes, que não surjam novas potências, mesmo intermediárias, capazes de disputarem áreas de influência, inclusive mercadológicas, e que afetem seus interesses. Em consequência, são objetivos vi-

sados os que os Estados capazes de ascender à condição de potência, reduzam seus efetivos militares, não tenham acesso a tecnologias de ponta, especialmente as de aplicação militar.

O problema do Brasil em face da Nova Ordem Mundial enfrenta as medidas de controle dos mercados pelos países mais ricos do mundo e que conformam o G-7. Japão, Alemanha e Estados Unidos são os "países centrais" dos pólos asiático, da União Européia e do Acordo de Livre Comércio do Canadá—México—Estados Unidos (NAFTA). O Coronel-aviador Ivan Carvalho, no Volume 133 da *Revista do Exército Brasileiro*, analisou essa questão e assim se expressou: — "O melhor Plano Político—Social—Econômico para a recuperação do Brasil não se assemelhará ao da Argentina e, muito menos, ao do México ou de outro país latino-americano. Será, sim, o do Brasil para os brasileiros; autêntico, soberano, desafiante, independente e calcado em vontade política própria. Nos acordos internacionais, o Brasil não deverá ficar preso a uma única opção continental. Relacionar-se com países de outras culturas e demais pólos econômicos (China, Japão, Europa) proporcionará ao Brasil alargamento independente de sua fronteira científica, afastando-se do colonialismo unilateral".

O atual governo brasileiro, embora mantendo o bom relacionamento com os Estados Unidos, vem se empenhando em ampliar sua projeção internacional, notadamente nos continentes europeu e asiático, visando à conquista de novos mercados, cooperação científica e tecnológica e acordos culturais. Ao mesmo tempo, continua a manter o relacionamento cordial com os países do continente africano, notadamente com os de língua portuguesa. Além disso, a presença militar na constituição de Forças de Paz, sob o controle da ONU, reforça nossa presença

internacional, sem deixarmos de assinalar a presença brasileira na Antártica.

O fato incontestável é a sensível melhora da imagem do Brasil no exterior, a despeito da ação de grupos nacionais de oposição e certas "Organizações Não Governamentais" que estão sempre prontas para explorar acontecimentos negativos ocorridos no Brasil.

Confirmando nosso ponto-de-vista, vem de ser publicado o "Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil" preparado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da Organização das Nações Unidas, e pelo Instituto de Pes-

quisa Econômica Aplicada (Ipea). Esse relatório, que leva em conta três itens básicos: escolaridade, esperança de vida e nível de renda — demonstra, agora, ao contrário do que afirmou Jacques Lambert, a existência de "Três Brasis". Um de alto desenvolvimento humano, outro de médio e um terceiro de baixo. O quadro, publicado pela imprensa e que reproduzimos abaixo, retrata perfeitamente essa situação e demonstra claramente o progresso que vem sendo alcançado pelo Brasil.

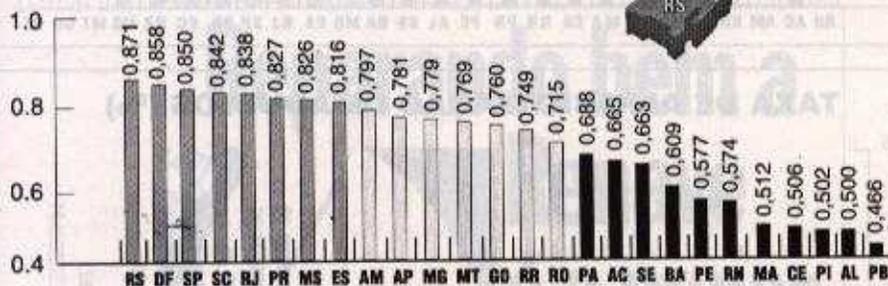
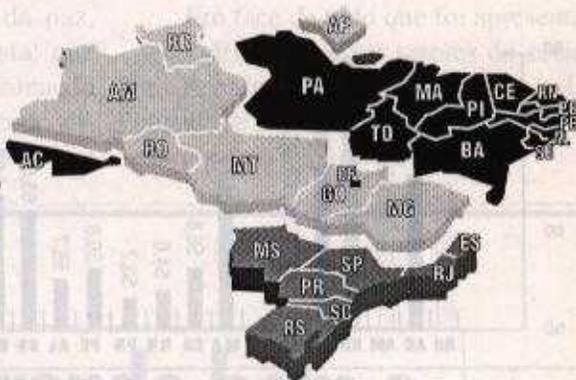
O Brasil é um país que, por sua dimensão territorial, volume populacional, disponibilidade de recursos naturais, desenvolvi-

A radiografia da desigualdade no Brasil



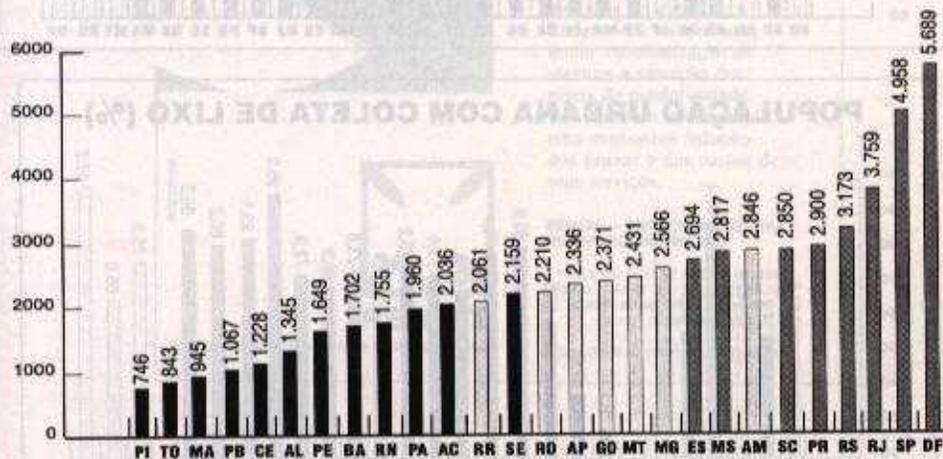
O RANKING DOS ESTADOS SEGUNDO A ONU

-  Alto desenvolvimento humano
 Médio desenvolvimento humano
 Baixo desenvolvimento humano

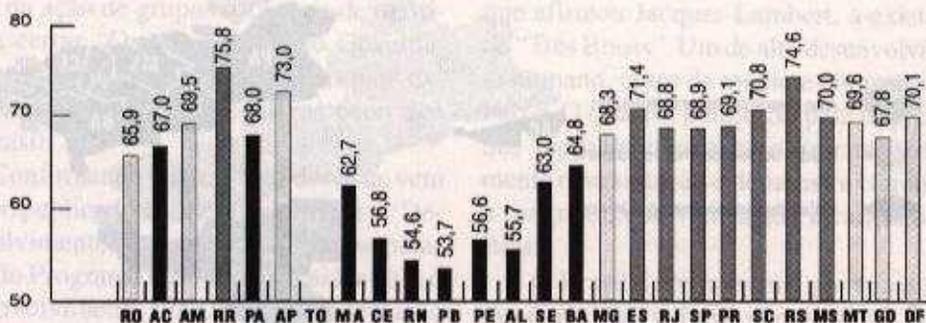


Fonte: Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil/1996

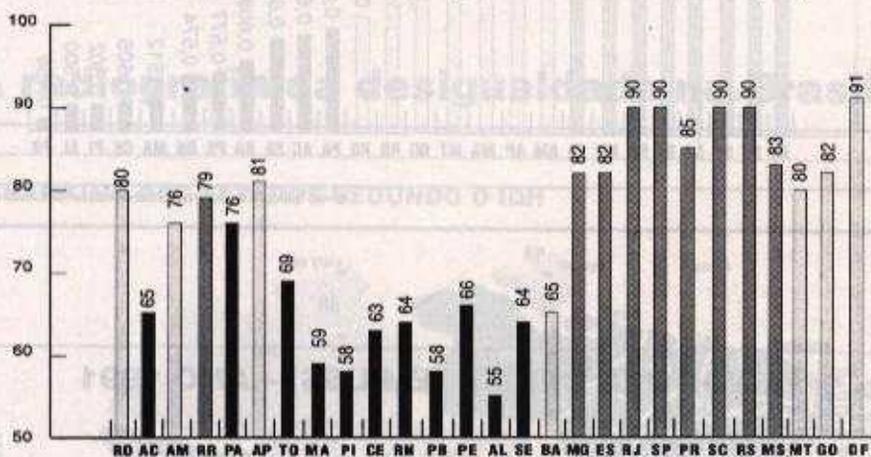
RENDA PER CAPITA (EM US\$) - ANO 1991



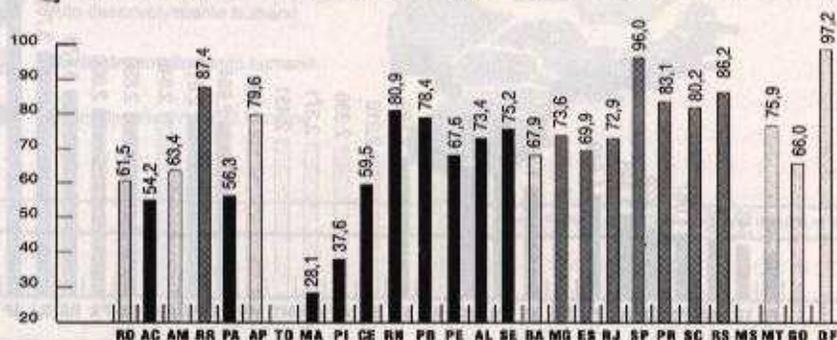
ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER (EM ANOS)



TAXA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS (%)



POPULAÇÃO URBANA COM COLETA DE LIXO (%)

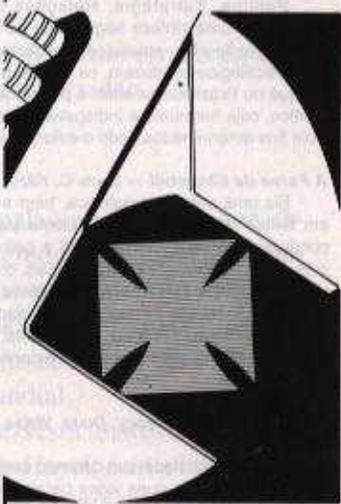


mento agropecuário e nível de industrialização, tem todas as condições para se constituir em uma potência regional, sem ambições hegemônicas, amante da paz, que condena a guerra de conquista, que respeita a soberania e autodeterminação dos povos, mas que não abre mão do direito próprio de assegurar sua soberania e

integridade territorial e do direito de conseguir uma posição a que faz jus na comunidade internacional.

Em face de tudo que foi apresentado, é necessário que certos setores da sociedade brasileira não sintam verdadeiros calafrios quando se fala em "Brasil Potência", pois os estrangeiros não os tem. □

Reparando bem a Renave é a maior.



markman



RENAVE
em reparos navais, o maior é também o melhor.

Há muito tempo a Renave conquistou o primeiro lugar como maior estaleiro especializado em reparos navais da América Latina, na área da iniciativa privada. Criando e desenvolvendo novos métodos de trabalho, a Renave visa sempre uma maior racionalização de serviços e elevação dos níveis de produtividade. Por isso vem conseguindo uma expressiva redução dos prazos e dos custos de seus serviços.

RENAVE — EMPRESA BRASILEIRA DE REPAROS NAVAIS S.A.

PRACA PIO X, 15 - 10º ANDAR - CENTRO
RIO DE JANEIRO - RJ - TELS: (021) 365-5111
263-6414 / 363-9064 - FAX: (021) 263-5992
TELEX: (21) 2199 FBRN BR

ESTALEIRO: ILHA DO VIANA - NITERÓI, RJ



PROGRAMA EDITORIAL 1997 — PREVISÃO

Pelo mesmo preço e superando a qualidade do programa editorial de 1996, a BIBLIX lança o seu programa para 1997. São 10 (dez) excelentes obras, entregues a domicílio e de custo baixíssimo, além da vantagem de pagamento parcelado.

COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO

Por um Exército Profissional — Charles de Gaulle

Obra muito citada e, na verdade, pouco conhecida. O autor, então coronel do Exército francês, nela propunha, antes da Segunda Guerra Mundial, uma alternativa de organização para o seu Exército — a "qualidade de" uma força profissional, altamente adestrada e bem equipada e a "quantidade" de forças de reserva e oriundas da formação do serviço militar obrigatório, para mobilização.

A Marcha da Insensatez — Barbara W. Tuchman

Uma esclarecida análise histórica que, a partir da Guerra de Tróia, resulta numa síntese irrefutável — o paradoxo de opções políticas absolutamente contrárias aos mais legítimos interesses dos próprios governos que por elas decidiram. Antológico é o capítulo "Uma Lanterna na Popa", uma lição viva de Filosofia da História, onde se aborda o excesso de poder na base da insensatez política.

A Marcha da Coluna — João Alberto Lins de Barros

Livro resultante de um projeto de memórias, é uma narrativa vibrante dos episódios vividos na coluna revolucionária que, partindo do interior do Rio Grande do Sul, percorreu todo o Brasil, na década de 1920 e em decorrência do levante de 5 de julho de 1924, na cidade de São Paulo. João Alberto foi figura de destaque nessa marcha e na política brasileira, depois de 1930. Uma obra onde se entrelaçam aspectos militares, políticos, sociais, humanos etc., numa leitura muito agradável.

Uma História da Guerra — John Keegan

O que é guerra? Uma resposta há de impor, sempre, uma visão interdisciplinar. Haverá, nela, uma ótica preponderante? Segundo cada analista ou pensador militar, a própria avaliação determina essa perspectiva. Bem conhecida é a concepção de Clausewitz, privilegiando o sentido político da guerra. Outra é a abordagem de Keegan, apreciando o fenômeno social que é guerra numa amplitude muito mais abrangente — a cultura guerreira. Obra para ler, meditar e, sempre, consultar, o que quer dizer — um clássico da literatura militar.

A Revolta da Armada — Helio Leôncio Martins

Premiado Tasso Fragoso de 1996, a obra do historiador naval Helio Leôncio Martins nele renova a fidelidade do pesquisador em face das fontes e a capacidade de interpretação objetiva dos fatos ocorridos na chamada "Consolidação da República". Melhor dir-se-ia "Revolta na Armada", aspecto interativo de um quadro generalizado de conflagração intestina — a "Guerra Civil do Brasil". Requissima bibliografia e atentas notas dão ao livro o caráter de obra indispensável ao estudo da nossa história republicana.

O Cerne da Discórdia — Victor Izeckson

Com o subtítulo "A Guerra do Paraguai e o Núcleo do Exército Profissional", o autor realiza uma bem fundamentada análise da participação da política brasileira na condução do conflito, destacando os conflitos partidários e a superposição deles aos interesses militares. A atuação de Caxias, política e militar, é bem apreciada e as conclusões apontam para a afirmação do Exército no cenário das grandes decisões nacionais.

Psicanálise do Pensamento Neo Conservador — Eduardo Mascarenhas

O propósito do autor é "descrever as idéias que obstruem a inteligência política brasileira e estabelecer a conexão entre elas e o neoconservadorismo do atual pensamento politicamente correto". Sendo o autor um psicanalista, para ele próprio "o livro significa um ato psicanalítico ampliado". Às vezes polémica, a obra é de leitura agradável e de um estilo muito claro.

O Militar e o Diplomata — Delano Teixeira Menezes

Política, Estratégia, Relações Internacionais, sua integração, uma síntese segura são os assuntos desta obra. Apreciação teórica, episódica, envolvimento histórico e também psicológico conduzem, na leitura, à apreciação do divórcio que no Brasil existe entre o pensamento político e a ação política, cuja harmonia é indispensável à afirmação nacional. Sem fins determinados, todo o esforço para isso será em vão.

A Farsa de Churchill — Louis C. Kilzer

Eis uma versão jornalística, bem estruturada e apoiada em fontes históricas, de uma trama secreta, que teria sido conduzida por Winston Churchill e pelo Serviço Secreto Inglês, para negociações confidenciais com Hitler (a partir do voo de Rudolf Hess para a Inglaterra) e que excluiriam a Inglaterra do conflito em troca de liberdade de ação da Alemanha no continente europeu. Na verdade, uma manobra inglesa para abortar a crise da invasão e ganhar tempo para manobras políticas.

Dutra e Goes Monteiro: Duas Vidas Paralelas — Nilton Fraxinho

Com a serenidade que o tempo permite à análise histórica, eis um perfil de duas vidas paralelas em face de tempos de crises políticas internas e de convulsões internacionais. A obra é, também, um magnífico registro da fidelidade do soldado brasileiro à sua Pátria.

COLEÇÃO TAUNAY

O Exercício do Comando — Chefia e Lideranças Militares — Sérgio de Avellar Coutinho

Canudos: Uma Interpretação Histórica (Antologia) — Oliveiros Litrento

ASSINATURAS ANUAIS

Coleção General Benício: R\$ 120,00 (pagáveis em três vezes e cartão de crédito)

Revistas: (BRASIL) *A Defesa Nacional*, *Revista do Exército Brasileiro*, *Revista Militar de Ciência e Tecnologia* — R\$ 15,00

(EXTERIOR) *A Defesa Nacional*, *Revista do Exército Brasileiro*, *Revista Militar de Ciência e Tecnologia* — US\$ 30,00

Cartões de Crédito Creditcard Mastercard e Dinair's Internacional

Ligação gratuita de todo Brasil ☎ (0800) 238365

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Palácio Duque de Caxias — Praça Duque de Caxias, 25 — Centro

Ala Marcelo Dias

Rio de Janeiro-RJ — CEP 20221-260

☎(021) 516-2366 / Telefax: (021) 253-7535